

I – INTERNACIONAL

Nota Técnica

1. O ÚLTIMO TREM PARA KIEV: CONTEXTO HISTÓRICO E CONTEMPORÂNEO DA ATUAL GUERRA ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA

Roberto Vital Anav¹

Resumo Executivo

A Ucrânia é a matriz da Rússia e tem todo o direito à existência soberana. A OTAN busca expandir o raio de influência dos EUA na Europa e no mundo e procura atrair a Ucrânia para isolar a Rússia e a China (a “Nova Rota da Seda”). A Rússia possui argumentos válidos em negociações diplomáticas, mas nenhuma razão para a invasão ilegal. Seus argumentos mais recentes negam a legitimidade da Ucrânia como nação e mostram um enfoque imperial de reedição do Império Czarista. Dois povos colhidos em uma armadilha trágica da OTAN e da Rússia, com impactos econômicos e sociais para o mundo: tal é a síntese desta guerra absurda.

Palavras-chave: Guerra; Rússia X Ucrânia; OTAN; Armas; Petróleo e gás; História.

O mundo está focado na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, em si mesma e em suas consequências econômicas de curto e médio prazos para cada país e a economia global. Este artigo busca trazer algumas informações e reflexões a respeito.

I. Ucrânia: da Idade Média ao III Milênio (breves notas históricas)

Na série “Vikings” da Netflix, na última temporada, o viking Ivar Sem Ossos, destronado por seus irmãos em Kattegatt (Noruega), foge pela Rota da Seda e alcança Kiev, capital do império criado por um ramo dos vikings - os Rus.

Esse episódio combina história e ficção e serve de abertura para a primeira reconstituição histórica: a Rússia imperial nasceu na Ucrânia, que, por sua vez, situava-se na Rota da Seda medieval, ligação terrestre entre a China e a Europa. Posteriormente, a invasão mongol mudou a configuração territorial. Após os mongóis, a Ucrânia pertenceu à Lituânia e à Polônia e acabou integrada em grande parte ao Império Czarista russo nos séculos XVIII e XIX. Dominando várias etnias, esse Império ficou conhecido como “prisão de povos”.

Com a Revolução de Outubro (1917), o governo bolchevique aplicou a política de libertação das diversas nacionalidades oprimidas pelo czarismo, propondo a formação de uma união de repúblicas socialistas soviéticas, livres para se separarem se assim preferissem. Quatro antigas províncias – Finlândia, Lituânia, Letônia e Estônia (F/Li/Le/E) – negociaram sua separação pacífica, tornando-se países independentes. Outras onze províncias aceitaram unir-se à Rússia soviética e formaram com ela a URSS. Entre elas, a Ucrânia.

A partir do domínio efetivo de Stálin, a autonomia das repúblicas tornou-se letra morta, o que motivou protesto conhecido de Lênin contra o retorno do “*patife chauvinista grão-russo*”², em

¹ **Roberto Vital Anav.** Economista (FEA-USP), mestre em Urbanismo (FAU-USP), doutor em Planejamento e Gestão do Território (UFABC) e pós-doutorando em História Econômica (USP-FFLCH). Docente concursado de História Econômica Geral na USCS.

² Essa crítica de Lênin reveste impressionante atualidade, justificando plenamente a aversão pública de Putin ao fundador da União Soviética. Um extrato do texto encontra-se no Anexo e o texto completo, nas Referências.

ditado às suas secretárias no seu leito de morte. Estas e outras críticas do fundador e idealizador da união de repúblicas livres – como a proposta de destituir Stalin da Secretaria Geral do partido governante, na qual acumulara excessivo poder – foram ignoradas, em um contexto de burocratização crescente do regime soviético, cristalizando um regime totalitário. A centralização da União em Moscou aprofundou-se, a autonomia das repúblicas perdeu-se e as três repúblicas bálticas independentes (Li/Le/E) foram anexadas à URSS durante e após a II Guerra Mundial.

Chamada de “celeiro da URSS” por sua forte produção agrícola, baseada na “terra negra” de grande fertilidade, a Ucrânia tornou-se grande produtora de trigo, cereais, frutas, vinhos e açúcar de beterraba. Suas atrações turísticas também eram notáveis, com destaque às praias no Mar Negro e o famoso porto de Odessa; durante 60 anos, incluíram o balneário de Yalta, local do encontro histórico dos “três grandes” aliados contra a Alemanha Nazista, em 1944 - Stálin, Roosevelt e Churchill -, que dividiram ali o mundo em “áreas de influência”. Yalta fica na península da Criméia, à época pertencente à Rússia, cedida em 1954 à Ucrânia pelo sucessor de Stálin, Nikita Krushev, e anexada novamente à Rússia na crise de 2014.

A Ucrânia também desenvolveu forte base industrial no período soviético. O maior destaque acabou tornando-se o símbolo da maior catástrofe nuclear da Europa (1987): o complexo de Chernobyl.

Entretanto, a adesão e permanência da Ucrânia na ex-URSS não foram simples. Durante a guerra civil de 1918-1921 entre brancos (ex-generais czaristas com exércitos mercenários, somados a cinco exércitos europeus invasores) e o Exército Vermelho, formado às pressas pelos bolcheviques, a Ucrânia foi palco de uma terceira força: o exército camponês liderado pelo anarquista Makhno, que combatia os outros dois. A vitória do Exército Vermelho e o restabelecimento do poder soviético em todo o território pareceram sepultar essa história, mas ela ressurgiu de outras formas.

Nos anos 1932-1933, uma grande fome percorreu a URSS, durante a coletivização da agricultura, somada a problemas climáticos. A Ucrânia foi particularmente castigada pelas requisições forçadas de alimentos e sofreu grande mortandade de camponeses. Os ucranianos referem-se a isso como Holodomor, ou Fome-Terror ou ainda Grande Fome. Durante a II Guerra, uma década mais tarde, parcelas da população ucraniana juntaram-se aos invasores alemães para lutar contra as forças armadas soviéticas. Por fim, em 1991, a Ucrânia e as demais 14 repúblicas decidiram extinguir a União Soviética e tornaram-se independentes.

Em 2014, protestos populares levaram à queda de um governo ucraniano amigável à Rússia. Entre os manifestantes, viam-se numerosos jovens exibindo suásticas. Desde então, cresceu a presença de grupos neonazistas, como o Batalhão Azov, cujo símbolo é o sol negro, tradição esotérica apropriada pelos nazistas nos anos 1930. Seu peso eleitoral é diminuto no país, mas eles atuam aberta e livremente. Há fortes acusações de agressão violenta às populações russas na região de Donetsk, onde formaram-se duas repúblicas autônomas reconhecidas pela Rússia. Nestes oito anos, a Ucrânia aproximou-se da União Europeia (UE) e dos EUA, recebendo inclusive a promessa de ser admitida na união militar entre ambos, a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

II. A OTAN: das origens “defensivas” ao expansionismo atual

Uma digressão se faz necessária. A OTAN, fundada em 1949, era o instrumento da Guerra Fria na Europa. Aliança militar entre a maioria dos países capitalistas europeus e os EUA - um dos grandes vitoriosos daquele conflito, primeiro detentor da tecnologia nuclear e único país a utilizá-la em guerra -, ela se confrontava ao bloco socialista europeu-oriental, liderado pela União Soviética. Esta foi a outra grande potência vitoriosa da guerra, tendo logo depois

dominado a tecnologia nuclear. Naquele mundo bipolar, a OTAN contrapunha-se ao Pacto de Varsóvia, aliança militar do bloco socialista europeu com a URSS.

Após a dissolução da URSS e a reunificação da Alemanha, com a reimplantação do capitalismo em todo o antigo bloco socialista, era de se esperar a dissolução paralela da OTAN, cuja razão oficial de existência deixou de existir. Entretanto, ela foi mantida, reforçada e expandida para o Leste europeu. Intervenções sangrentas, como na ex-Iugoslávia, foram patrocinadas por essa organização da antiga Guerra Fria. Aliás, cabe desmentir uma afirmação muito repetida nas semanas recentes: a intervenção da Rússia na Ucrânia não foi o maior conflito bélico na Europa desde o final da II Guerra, como insistem alguns observadores qualificados. A República Federal da Iugoslávia sofreu 78 (setenta e oito!) bombardeios em 1999, realizados pela OTAN no quadro da guerra iniciada na Bósnia. Não havia mandato da ONU ou de qualquer organismo (a UE ainda não existia). A OTAN também avalizou os bombardeios no Afeganistão, muito distante do Atlântico Norte, realizados de fato pelos Estados Unidos com o apoio de seus aliados europeus. Já para retirar-se daquele país – humilhação recente, da qual buscam agora compensar-se elevando a voz e as ações contra a Rússia -, os EUA dispensaram a opinião da OTAN.

Parece claro, portanto, que essa aliança, em lugar de ser extinta, tornou-se instrumento estadunidense para atrelar a UE à sua política internacional, por meio do domínio militar, impedindo assim maior autonomia do bloco europeu. Esse propósito, ademais, permite manter amplo mercado para a indústria armamentista dos EUA, segmento estratégico em termos econômicos, geopolíticos e tecnológicos.

O setor energético dos EUA também tem muito a ganhar com o presente conflito. A exploração do xisto betuminoso dá ao país a liderança mundial na produção de gás natural, para o qual precisa de mercados. A anulação do gasoduto Nord Stream2 pela Alemanha – com o qual a Rússia passaria de 55% a 80% de fornecimento do gás consumido na maior economia europeia – mostra os grandes interesses envolvidos no conflito, muitos deles ignorados ou omitidos pela grande mídia.

Não há qualquer realismo em considerar a ação dos EUA e da OTAN como motivadas pelo desejo de preservar a autonomia e a democracia na Ucrânia, cuja adesão é sabidamente uma ameaça à segurança da Rússia – afirmação não apenas repetida há meses por Putin, mas feita há anos pelo próprio Joe Biden quando senador dos EUA. A “nova rota da seda” em construção pela China – o verdadeiro adversário combatido pelos EUA, ameaçados a médio prazo em seu domínio – passa pela Ucrânia, o que torna ainda mais estratégico torná-la um membro adestrado dessa aliança, com a qual o controle militar estadunidense sobre a Europa atenua a ameaça de esta tornar-se mais uma potência desafiadora. Nem Biden, nem a OTAN defendem a autodeterminação dos povos – que o digam os palestinos, curdos, catalães e norte-irlandeses. Nenhum destes povos encontrou apoio e solidariedade, mas sim hostilidade e apoio político e militar aos seus opressores, por parte dos EUA e da aliança sob seu controle. E, seguramente, no Iraque, Líbia, Síria e Afeganistão há parcelas expressivas da sociedade que não os veem como libertadores, muito pelo contrário.

III. O lado russo: razões diplomáticas, invasão ilegal e maus argumentos

Por sua vez, a Rússia ampliou as justificativas para sua intervenção claramente ilegal. Iniciou pela segurança das populações russófonas das regiões autônomas e pela segurança da própria Rússia contra a ameaça de instalação de mísseis na Ucrânia, com a adesão desta à OTAN. A neutralidade da Ucrânia (a exemplo da Áustria e da Finlândia após a II Guerra Mundial) é indispensável à segurança russa, depois da agressiva expansão da aliança até a vizinhança da Federação Russa. Esses argumentos são plausíveis e válidos em ambientes de negociação diplomática. Todavia, não justificam uma intervenção militar desta magnitude,

sem fatos provocadores. Guerra é matança, destruição, sofrimento humano, refugiados. São muito poucas as razões que a justificam e este, certamente, não é o caso.

As justificativas russas ampliaram-se na véspera e durante a intervenção. Acrescentaram-se dois argumentos: a desnazificação do país e a própria legitimidade da existência da Ucrânia. No primeiro caso, os fatos confirmam a existência de milícias neonazistas, algumas delas incorporadas agora ao aparato militar do país – seria o mesmo que incorporar as milícias dos morros cariocas ao efetivo da Polícia Militar. Já foi mencionado o pequeno peso eleitoral dos grupos identificados com o nacionalismo extremo e o neonazismo, o que impede identificar o conjunto do povo ucraniano com eles.

Ademais, o próprio Putin segue um conselheiro ultranacionalista, proponente da recriação da “Novorossyia” ou nova Rússia, Aleksandr Dugin. Trata-se de toda a costa do Mar Negro (incluindo a Crimeia, as regiões russófonas secessionistas e outras), tomada pelos czares no séc. XVIII em guerra contra o Império Turco. Essa mesma expressão foi citada em pronunciamentos recentes de Putin. Portanto, encontram-se emuladores do nazifascismo de um lado e de um ultranacionalismo inspirado no domínio czarista de outro. O “Rasputin de Putin”, como Dugin já foi chamado, proclama-se defensor do “eurasianismo”.

Já o questionamento histórico da Ucrânia é muito grave. Putin acusou retrospectivamente Lênin de ter sido desleal com a Rússia ao permitir o desmembramento da Ucrânia e sua constituição como república. Ora, esse foi um dos aspectos mais avançados do novo regime soviético para dismantlar a “prisão de povos”. E uma demonstração da degeneração totalitária daquele regime foi exatamente o rápido retrocesso na autonomia das repúblicas unidas voluntariamente à Rússia, justificando o protesto quase póstumo do primeiro governante soviético (veja-se o Anexo).

Questionar o direito à existência de um país que foi o verdadeiro berço da Rússia, que dela se diferenciou ao longo de séculos de dominação sucessiva de outras potências sobre seu território, que lutou contra tentativas de “russificar” sua população (como fizeram alguns czares russos) e que, em sua diversidade, constitui um povo com autoconsciência nacional, é muito grave. Representa, não uma permanência de traços da antiga União Soviética (que, ao menos de maneira formal, preservou as repúblicas originais), mas o ressurgimento do propósito imperial de certo “neoczarismo”. Para afirmar a segurança russa contra os evidentes propósitos dos EUA de isolá-la da Europa, usando a OTAN como instrumento e a Ucrânia como títere, o governo Putin não concebe nada melhor que uma versão high-tech do czarismo, substituindo a “prisão de povos” por governos manipuláveis. É quase uma guerra de marionetistas pelo controle do fantoche.

Cercado de oligarcas beneficiários do dismantelamento do regime soviético, das privatizações selvagens e de parcelas expressivas da receita de exportações, magnatas que vitalizam o mercado financeiro europeu com suas aplicações milionárias, Putin traz do passado soviético tão-somente uma visão autoritária, de “chauvinista grão-russo” como acusava Lênin referindo-se à burocracia estatal-partidária que monopolizou o poder - uma das razões do desprezo do presidente russo por ele. Assumindo-se anticomunista e pró-capitalismo, Putin nada tem de progressista, como alguns segmentos da esquerda no Brasil e no mundo buscam enxergar. Como afirma o escritor Roberto Romano: *“Putin começa a guerra atacando exatamente Lênin e estes princípios. Seu móvel ideológico é a antiga grande Rússia Imperial e o chauvinismo russo, do qual Lênin era inimigo. Na Jabuticaba brasileira de hoje, leninistas abraçam Putin e não Lênin.”*

IV. Quem merece apoio?

Curiosamente, esquerda e direita, no Brasil e no mundo, estão divididas sobre a guerra. Trump, seus aliados internos e externos (como o atual presidente do Brasil) tendem a

favorecer Putin, ou são reticentes na crítica. Biden, a mídia ocidental, os grupos políticos tradicionais e uma parcela da esquerda, tendem a descarregar toda a responsabilidade em Putin, demonizá-lo como tirano, louco e sedento de poder. Outra parcela da esquerda enxerga em Putin um adversário do imperialismo norte-americano, o que o inclui no ditado “o inimigo de meu inimigo é meu amigo”.

Na verdade, os únicos que merecem apoio são os dois povos colhidos em terrível armadilha criada por impérios rivais. A luta do povo ucraniano pela independência de seu país, contra a invasão, e a luta do povo russo contra a guerra, que já tem um saldo de 14 mil presos, são merecedoras do apoio de todo democrata.

Nem a OTAN, nem Putin, têm qualquer gota de razão. Deve-se exigir a retirada de ambos - desde já, o fim da invasão militar russa. E negociações sérias entre a Rússia e a OTAN, diretamente. Como disse o renomado intelectual português, Boaventura de Souza Santos:

“As negociações de paz em curso são um equívoco. Não faz sentido serem entre a Rússia e a Ucrânia. Deviam ser entre a Rússia e EUA/OTAN/União Europeia. A crise dos mísseis de 1962 foi resolvida entre a URSS e os EUA. Alguém se lembrou de chamar Fidel Castro para as negociações? É cruel ilusão pensar que haverá paz duradoura na Europa sem cedências do lado ocidental. A Ucrânia, cuja independência todos queremos, não deve entrar para a OTAN. A OTAN foi até agora necessária à Finlândia, à Suécia, à Suíça ou à Áustria para se sentirem seguras e se desenvolverem? De fato, a OTAN devia ter sido desmantelada logo que acabou o Pacto de Varsóvia. Só assim a União Europeia poderia ter criado uma política e uma força militar de defesa que respondesse aos seus interesses, e não aos interesses dos EUA. Que ameaça havia para a segurança da Europa que justificasse as intervenções da OTAN na Sérvia, em 1999, no Afeganistão, em 2001, no Iraque, em 2004, na Líbia, em 2011? Depois de tudo isto, será possível continuar a considerar a OTAN uma organização defensiva?”

V. Impactos para o mundo e o Brasil

Para encerrar, cabe abordar as prováveis consequências econômicas e geopolíticas. Os embargos recíprocos, até agora, levaram a projeções preocupantes sobre aumento de preços de insumos como trigo, petróleo e gás, que afetarão muitos países. No caso brasileiro, dado o desmantelamento das refinarias de petróleo e do setor petroquímico e a política de alinhamento internacional de preços dos derivados, o impacto inflacionário será muito intenso. Já se iniciaram conversações com o Canadá para substituir fertilizantes russos, fator essencial em um país que regrediu à condição de primário-exportador, com destaque ao agronegócio intensivo em insumos químicos e mecânicos.

Adicionalmente, pode-se prever mudanças – algumas já em curso – nas rotas de fornecimento de alguns desses importantes insumos. Os EUA possivelmente conseguirão deslocar parcialmente a Rússia em favor do seu próprio gás natural, como fornecedores da Europa – mas é bem provável que o transporte marítimo de longa distância encareça a energia europeia, com impacto em inúmeras cadeias produtivas mundiais.

A chamada “transição energética” pode ser acelerada com essa alta nos preços do petróleo e gás, beneficiando países e empresas que se adiantarem em alternativas energéticas e equipamentos otimizados e distribuidores destas. Por outro lado, pode ocorrer um efeito “lock-in” nas empresas dos setores de óleo e gás com seus segmentos a jusante (petroquímica e ramificações), presas a uma lucratividade que tende a prolongar-se por certo tempo com a alta de preços e a postergar o investimento em alternativas energéticas. Os efeitos sócio-ambientais podem-se induzir com facilidade, retardando ainda mais a Agenda 2030.

A produção de trigo – e secundariamente de milho – também poderão sofrer deslocamentos territoriais, caso a Europa decida reduzir sua dependência desse fornecimento por parte da Rússia. Os impactos logísticos e de preços sobre os países consumidores, como o Brasil, serão significativos, talvez com alguma indução para a produção do último cereal, enquanto o primeiro não é viável em maior escala no país.

O único fator estável previsível no tocante à localização e lucratividade de atividades econômicas é a permanência do predomínio absoluto dos EUA na produção de armamentos, fonte crucial de inovação tecnológica irradiada, empregos qualificados e mercado para fornecedores domésticos (sob o protecionismo explícito nas regras de segurança nacional, que destinam boa parte das tecnologias sensíveis e componentes avançados à oferta doméstica). Além do mais, este é o remédio keynesiano permanente contra as crises de insuficiência de demanda, papel percebido claramente desde a II Guerra Mundial, explorado ao máximo durante a Guerra Fria e, agora, no seu prolongamento por meio da ampliação da OTAN. Ou, seguindo outra vertente teórica – o marxismo segundo Rosa Luxemburgo -, o complexo industrial-militar constitui verdadeiro pulmão artificial do capitalismo-líder, aliviando a restrição dos mercados inevitável nesse sistema. E, ainda, constitui fator geopolítico crucial da preservação de uma hegemonia cada vez mais ameaçada.

QUADROS-RESUMO

I – Argumentos de cada país na guerra

Rússia	Ucrânia
Proteção às regiões russófonas do Donbass agredidas por milícias neonazistas	Não havia razões, a Ucrânia possui população diversificada
Ação preventiva contra instalação de mísseis na Ucrânia pela OTAN	A Ucrânia é independente e adere à organização que preferir
Desnazificação da Ucrânia	O governo ucraniano não é nazista (presidente é judeu) e perdeu milhões de soldados na II Guerra
Ucrânia foi criação artificial de Lênin em prejuízo da Rússia	A Ucrânia tem história e identidade próprias

Elaboração do autor

II- Consequências econômicas

Curto prazo	Médio prazo	Longo prazo ⁽¹⁾
Alta de preços de Petróleo e gás, trigo, milho	Pesquisa de fontes renováveis de energia; <i>lock-in</i> de petroleiras e petroquímicas enquanto alta persistir	Possíveis novas fontes renováveis; impactos ambientais do prolongamento do uso de fósseis (custo social e econômico)
Inflação	Alta de juros, recessão	Imprevisibilidade: saídas da recessão, redução da distância e aumento da competição entre China e EUA
Maior venda de armamentos e lucratividade dos fabricantes	Manutenção da supremacia militar dos EUA na União Europeia	Corrida armamentista China-EUA-Rússia; instabilidade mundial (crises diplomáticas, guerras localizadas)
Ampliação da venda de GNL ⁽²⁾ dos EUA à Europa	Encarecimento da energia e de diversas cadeias produtivas energo-intensivas	Relocalização de cadeias produtivas parciais e/ou totais; mudanças geoeconômicas
Bloqueios financeiros induzem a criar canais alternativos de aplicação	Novas rotas, instituições e alianças financeiras (ex.: Rússia-China, moedas alternativas)	Maiores desafios para o controle monetário (Bancos Centrais); instabilidade financeira; possível enfraquecimento do dólar

(1) Curto prazo: 12 meses; Médio prazo: quinquênio; Longo prazo: década

(2) Gás Natural Liquefeito

ANEXO

Lênin X Putin

Para a questão das nacionalidades ou da “autonomização”

(extratos) – os asteriscos (*) remetem a explicações ao final do anexo

“Chamamos nosso um aparelho que nos é de fato totalmente estranho (*), um mecanismo burguês e tzarista, que nos era absolutamente impossível transformar em 5 anos, já que não contávamos com a ajuda de outros países e nossas preocupações eram a guerra e a luta contra a fome.

Nessas condições, é completamente natural que a “liberdade de sair da União” (**) que nos serve como justificativa apareça como um simples pedaço de papel, incapaz de proteger os outros povos contra a invasão da Rússia autêntica, do chauvinista “grão russo” (***), desse patife e opressor em que se transformou o burocrata russo típico”.

“Mas aí existe a questão sobre (...) se nós tomamos, com o cuidado suficiente, medidas para realmente defender as outras nacionalidades do leão-de-chácara [derzhimorda] genuinamente russo. Julgo que não tomamos essas medidas, embora pudéssemos e devêssemos tomá-las.”

“O que importa para o proletário? Ao proletário não é apenas importante, mas também vitalmente necessário, garantir o máximo de confiança por parte dos povos subjulgados na luta proletária de classes. O que é preciso para tanto? Para tanto é necessária não somente a igualdade formal, mas também compensar de uma forma ou outra, em suas declarações e concessões relacionadas às outras nacionalidades, a desconfiança, a suspeita e os ressentimentos infligidos no passado histórico por quem governava o povo da “grande potência”.

“(…)o dano que a ausência de aparelhos para cada nacionalidade unidos ao aparelho russo pode causar a nosso Estado é infinitamente, incomensuravelmente menor do que o dano que causará não somente a nós, mas também a toda a Comintern (****), a centenas de milhões de habitantes da Ásia que esperamos atuarem no futuro imediato como vanguarda histórica depois de nós. Seria um oportunismo imperdoável se desfizéssemos, às vésperas desse protagonismo do Oriente e no início de seu despertar, nossa autoridade nessa região cometendo a menor grosseria ou injustiça para com os próprios não russos. Uma coisa é a necessidade de coligarmo-nos contra os imperialistas do Ocidente, que defendem o mundo capitalista (...). Outra coisa é quando nós mesmos recaímos, ainda que em detalhes mínimos, na abordagem imperialista para com as nacionalidades oprimidas, assim quebrando completamente toda nossa franqueza de princípios, toda nossa defesa ideológica do combate ao imperialismo. E o dia de amanhã na história mundial será

exatamente o dia em que os povos oprimidos pelo imperialismo finalmente começarão a despertar e em que começará a longa e penosa luta decisiva por sua libertação.”

**Refere-se ao aparelho administrativo do Estado russo, a administração pública e seu pessoal burocrático, profissionalizado.*

***Artigo da Constituição soviética, defendida por Lênin e aprovada contra a oposição de Stálin (defensor de maior centralização da Rússia sobre os demais povos em uma Federação Socialista Soviética)*

****Sentimento de superioridade nacional dos russos “autênticos” contra os povos dominados pelo Império Czarista*

*****Internacional Comunista ou Terceira Internacional, fundada em Moscou em março de 1919, reunindo os Partidos Comunistas de diversos países.*

Referências Bibliográficas

ANAV, R.V. O retorno de Karl Marx – a redescoberta de Marx no século XXI. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017. Disp. em: O retorno de Karl Marx: a redescoberta de Marx no século XXI - Publicações Perseu Abramo | Publicações Perseu Abramo (fpabramo.org.br) .

LÊNIN, N. Para a questão das nacionalidades ou da “autonomização”. São Paulo: Ponto e Vírgula - PUC SP - No. 21 - Primeiro Semestre de 2017.

POMAR, V. Síntese histórica do conflito Rússia X Ucrânia e a Guerra Atual. Vídeo disp. em: Síntese histórica do conflito Rússia X Ucrânia e a Guerra Atual - YouTube

ROMANO, R. Lênin estava errado? Site Jornalistas Livres. Disp. em: Lênin estava errado? | Jornalistas Livres

SANTOS, Boaventura de S. Para uma autocrítica da Europa. Blog da Boitempo. Disp. em: Para uma autocrítica da Europa – Blog da Boitempo .

SELEÇÃO DE ARTIGOS RELEVANTES NA IMPRENSA ON-LINE

Guerra pode impactar mais a economia do que a pandemia, alerta CEO da Volkswagen - FT: Guerra pode impactar mais a economia do que a pandemia, alerta CEO da Volkswagen | Empresas | Valor Econômico (globo.com)

Petróleo, milho, trigo, gás: saiba mais sobre as economias de Rússia e Ucrânia - Petróleo, milho, trigo, gás: saiba mais sobre as economias de Rússia e Ucrânia | CNN Brasil

Economia russa é surpreendentemente pequena; entenda sua importância para o mundo – Economia russa é surpreendentemente pequena; entenda sua importância para o mundo | CNN Brasil

Biden anuncia envio de US\$ 800 milhões em equipamentos militares para a Ucrânia, incluindo drones - Biden anuncia envio de US\$ 800 milhões em equipamentos militares para a Ucrânia, incluindo drones (msn.com)

Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia - Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia - BBC News Brasil

As falsas declarações de Putin sobre a história da Ucrânia - As falsas declarações de Putin sobre a história da Ucrânia – DW – 24/02/2022

Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia - Desnazificação e genocídio: a história por trás da justificativa de Putin para invasão da Ucrânia - BBC News Brasil

Putin acusa Lênin de ter 'explodido' a Rússia - G1 - Putin acusa Lênin de ter 'explodido' a Rússia - notícias em Mundo (globo.com)